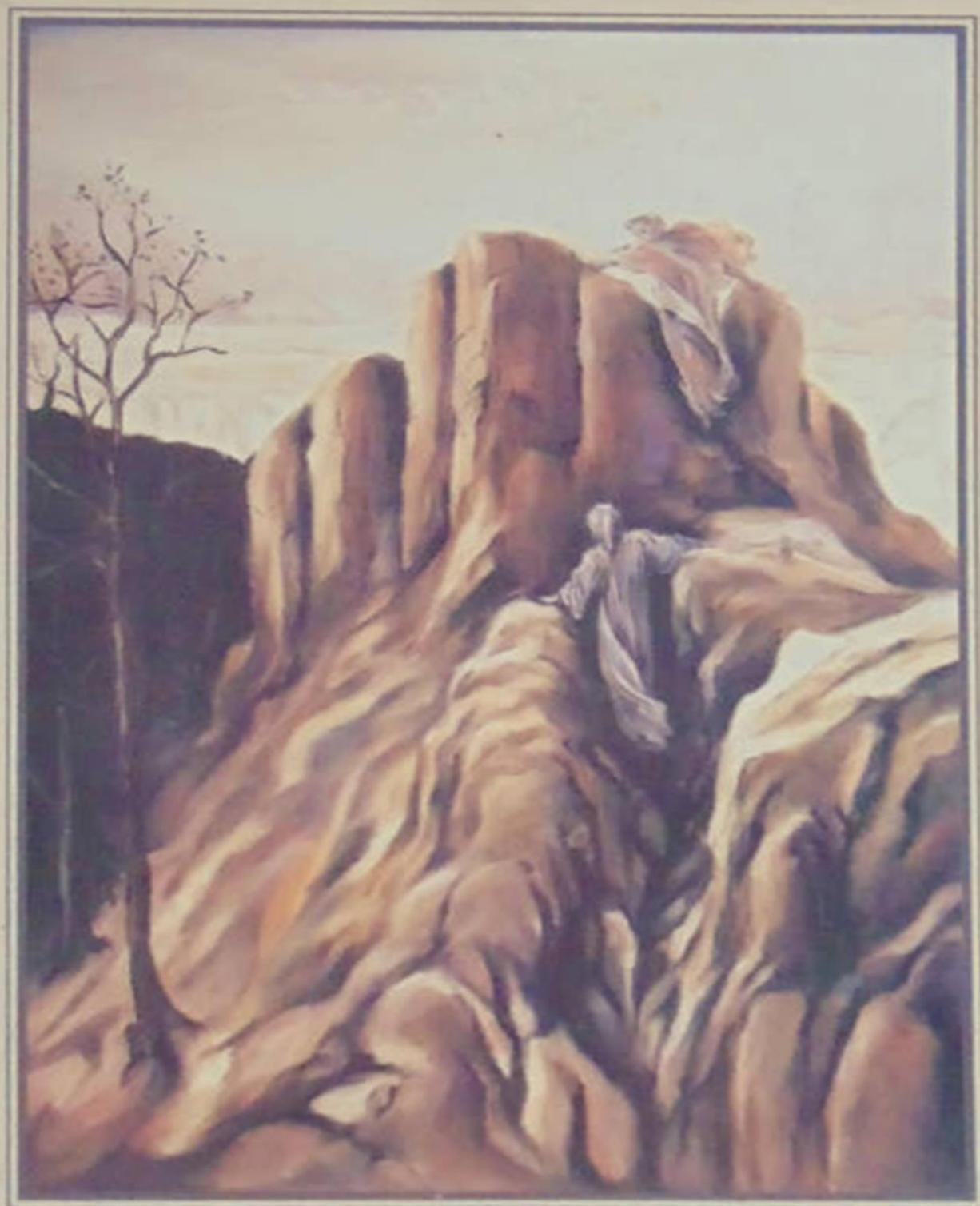


ORIENTANDO O DISCÍPULO



V.M. Rabolu



V.M. Rabolú

ORIENTANDO O DISCÍPULO



Do original espanhol
ORIENTANDO AL DISCÍPULO
ISBN -84-85430-11-5

Capa: Selma Machado Simão
Com releitura da obra de Gustave Doré

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rabolu, V.M., 1926
Orientando o discípulo / V.M. Rabolú; Tradução
Waldemar Francisco Wagner I – São Paulo : Movimento Gnóstico Cristão
Universal do Brasil na Nova Ordem, 1994

ISBN 85-353-12-0

1.Ciências Ocultas 2. Consciência 3. Gnosticismo

I. Título

94-1385

CDD-135.4

Índices para catálogo sistemático:

- 1.Esoterismo: Ciência Ocultas 135.4
- 2.Gnose: Esoterismo: Ocultismo 135.4

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, bem como a produção de apostilhas a partir deste livro, de qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão, por escrito, do Editor:

MOVIMENTO GNÓSTICO CRISTÃO UNIVERSAL DO BRASIL NA NOVA ORDEM

Impresso no Brasil
1ª edição Maio/ 1994
10.000 exemplares
EDITOR – Caixa postal 660
CEP 01059-970 – São Paulo



O MESTRE

Disto já faz bastantes anos. Exatamente quando o V.M. Samael Aun Weor estava concluindo seus Mistérios Maiores. Nas últimas linhas desta obra o Mestre escrevia: “Desgraçadamente contamos com os dedos os que estão preparados para a Gnose. Só duas pessoas conhecemos preparadas para isso: um índio e uma mulher analfabetos.”

Aquele era “Joaco”, o índio da Serra de Santa Marta na Colômbia. Joaquin Henrique Amortegui Valbuena era seu nome.

Passaram os anos e nosso Avatara desvelou o ensinamento à humanidade de Aquário, e o Movimento Gnóstico cresceu rapidamente em toda a América.

Pouco antes de finalizar sua grande obra, o próprio Mestre Samael olhou para trás e pôde comprovar que entre seu exército ninguém era capaz de segui-lo. Tão só de longe, escalando uma das Três Montanhas, via alguém que vinha atrás de seus passos. Viu novamente o índio “Joaco”, viu uma águia rebelde, o V.M. Rabolú. Joaquin Enrique Amortegui Valbuena era o nome de seu Boddhisattwa.

Esse índio da Serra de Santa Marta recebeu o ensinamento igual aos demais. “Eu me despeguei da manada”, esclarece o próprio Mestre Rabolú nesta obra, “por minha inquietude e porque não queria engolir contos nem do Mestre, nem de ninguém, ou seja, eu fui em rebelde.”

Joaquin Enrique Amortegui Valbuena foi um seguidor do Mestre Samael que desde o primeiro momento começou a praticar, começou a se preparar esotericamente, trabalhou com os três fatores de revolução da consciência. Tinha sempre presente aquilo que havia dito o Mestre que “o

intelectual, por falta de um ponto ou de uma vírgula, perde o sentido de uma oração”, que “o intuitivo sabe ler onde o Mestre não escreve e escutar onde o Mestre não fala”.

Desta maneira foi o único capaz de semear aquele punhado de sementes que lhe dera o Mestre Samael antes de abandonar o seu corpo físico.

Desta maneira o V.M. Rabolu é o único capaz de reconhecer seus frutos, “porque segui minha comunicação com ele, por isso é que enfrentei muito mais forte meu trabalho e estou lutando pela obra que foi deixada pelo V.M. Samael, para que a obra não se desintegre, e apresentá-la ante as hierarquias superiores como obra verdadeira.”

E sua missão é esta: a de orientar o discípulo, para que, por sua vez, o discípulo possa apresentar sua “obra verdadeira” particular. Nenhum de nós, pelo mero fato de seguir suas orientações, pela simples circunstância de pertencer às instituições gnósticas existentes no mundo, temos assegurado um lugar para o êxodo. Isso unicamente se consegue trabalhando aqui e agora, morrendo, nascendo e nos sacrificando pela humanidade, seguindo os exemplos do V.M. Rabolú. Às pessoas se as conhecem pelos seus atos.

O importante é compreender que a Gnose não nos necessita a nós. Tão só o verdadeiro rebelde sabe que a Gnose lhe é necessária. Tão só o verdadeiro rebelde sabe que sua vida está a serviço da Gnose e não o reverso.

Esta é a orientação que um dia recebera aquele campesino de tez morena a quem nosso Mestre Samael chamava “Joaco”.

INTRODUÇÃO

Cada um de nós cometemos erros e mais erros; porém, o importante é nos darmos conta onde estamos falhando e irmos corrigindo, sem formar esses falatórios de um para outro.

Se em realidade nós nos auto-observarmos, vamos trabalhando e mudando, e é muito necessária tal mudança em nós, para podermos ir cumprindo uma missão melhor, em melhor altura e com muita sabedoria.

De modo que, pois, eu exorto a todos e os convido a que mudemos, e somente estas mudanças podemos realizá-las, se nós começamos a nos julgar com vara de ferro. Somente assim nos podemos corrigir. Devemos assinalar nossos erros e eliminar esses elementos psíquicos que os ocasionaram.

Essa é a grande batalha de que fala a Bíblia. A grande batalha final; essa é dentro de cada um de nós; essa grande batalha não se realiza fora, como muitos creem, senão aqui dentro de nós.

De modo que, pois, o convite que lhes faço a todos vocês, é a mudança radical.

*Joaquin Enrique Amortegui Valbuena
V.M. Rabolú*

Nota: Esta introdução foi tirada de uma explicação dada pelo V.M. Rabolú numa das entrevistas realizadas.



P – Fala-se muito da disciplina esotérica. Deve cada estudante forjar sua disciplina, ou existe alguém que no-la pode dar?

V.M. – Olhem, pode ter regulamentos regulatórios para começar. Porém, a pessoa, o discípulo responsável traça sua própria disciplina. Cada vez mais se vai se disciplinando. Não tem que esperar que outro o discipline. O verdadeiro gnóstico deve traçar sua própria disciplina, cada vez muito mais estrita.

P – O Senhor, Mestre, forjou-se uma disciplina rigorosa?

V.M. - A mim não me tiveram que me pôr uma disciplina. Eu vou cada vez pondo minha disciplina, porque tenho que responder a humanidade e ante os superiores. Por exemplo, imaginem os senhores, vou contar-lhe algo que me aconteceu em certa época.

Resulta que uma noite estava eu em meu trabalho (perto de trabalhar com certa consciência), esqueci-me de perguntar algo ao V.M. Samael. Ele se encontrava, nesses momentos, na Igreja Gnóstica (nos mundos internos). Estava eu a par de tudo isto. Porém, como se tratava de algo que para mim tinha importância, porque estava relacionado com o trabalho que estava realizando, arranquei-me até lá, o mais rápido, para perguntar ao Mestre Samael o que tinha que perguntar e esperava voltar ao meu trabalho (como lá não existe nem o tempo nem à distância).

Nessa noite o V.M. Samael estava dando um ensinamento a um a pessoa que eu não conhecia. Cheguei então como se chega em apuros, anelando ter resposta rápida. Mestre... etc., etc... Disse-lhe o que tinha que

perguntar e não me respondeu sim ou não. Disse-me: “Ajoelha-te três horas aí!” Isso foi o que me respondeu: “Ajoelha-te três horas aí” e ele seguiu dando o ensinamento que estava dando a outra pessoa que estava aí. Até as costas ele me voltou! E eu, em pleno salão da Igreja Gnóstica, ajoelhado. A mim me ardia a cara de vergonha. Entravam Mestres, entravam meus condiscípulos e me olhavam, e pensando eu no meu trabalho que me estava atrasado.

Bem, após as três horas aquela pessoa já havia ido e o V.M. Samael se encontrava pelo interior da Igreja, e após as três horas precisas, saiu e me disse: “Levanta-te! E isto é para que outro dia tu não te creias mais que os demais! Tu não es mais que essa pessoa que estava recebendo ensinamento meu. Tu és pior que esta pessoa. Além do mais, tu és um imprudente! Mal educado!”

Aí lhes estou dando um ensinamento a todos vocês, para que vejam que a disciplina nós temos que no-la pôr. Um ato de má educação lá não no-lo deixam passar. Está conversando outra pessoa, temos que escutar caldo. Um ato de má educação é uma bomba atômica contra nós. Estou falando da parte esotérica. Assim que, pois, três horas me ajoelharam. E não me esqueço jamais disso! Jamais! Havia orgulho em mim. Cria-me superior, porque estava trabalhando, como a outra pessoa não o estava fazendo, por isso me cria superior e disse: Não, o Mestre me atende e deixa a outra pessoa aí, ele me dá a resposta que necessito e regresso para trabalhar... Porém, não foi assim. Estive, por esse fato, ajoelhado três horas.

Conto-lhes isso a vocês para que tirem sua conclusão da conduta disciplinadora que se deve conhecer. Veem o delicado que é isto?

P – Fazendo práticas em grupo, é conveniente por um tempo? Até agora nós o vínhamos fazendo assim, pondo o tempo de uma hora, hora e meia, etc.

V.M. – Isso do tempo ou não tempo... Agrada-me mais que chegue a um acordo o grupo. É melhor que se faça de comum acordo.

P – Que se chegue a um acordo no horário?

V.M. – Claro, isso é indispensável! Em tudo isso deve pôr-se de acordo o grupo.

P – Mestre, sabemos que a hora é para nos formalizar mais, quer dizer, para nos disciplinar e cremos que é indispensável tudo que o senhor nos explicou anteriormente, já que há, em muitos lugares uma desordem neste aspecto, pois o grupo não se põe de acordo, e quando se vai praticar cada qual vem na hora que quer e cremos que ali não há nada a fazer...

V.M. – Para começar, deve haver uma ordem. Comecem a tais horas. Isso, repito, devem concretá-lo com o grupo.

E outra coisa. Olhem, é muito indispensável à ordem. Por exemplo: você está fazendo uma concentração ou uma meditação. Chega eu na hora que me convém e interrompo o seu trabalho e outro me interrompe a mim e assim não sai nada. É conveniente fazer um acordo... A tais horas nós vamos nos reunir. Reúnem-se todos e acordem as horas que mais ou menos sirvam bem a todos.

P – As práticas de desdobramento astral em grupo, que alguém as dirija, é correto fazê-las?

V.M. – Honradamente, nunca vi que em práticas coletivas se saia conscientes; nem, muito menos, aquele que diz “que os vai tirar em astral” o faz. Esses são mitômanos e as pessoas lhe engolem contos, e começam a imaginar milhares de coisas, porém tudo isso é subjetivo.

Aí o que há é um hipnotismo coletivo e as pessoas, com sua imaginação mecânica, fazem maravilhas e depois passam a crer que o que viram era verdade...

P – Ainda que todos vejam o mesmo?

V.M. – Sim. Ainda que todos vejam o mesmo. Eu vi muitas coisas desses palhaços (assim os chamo) que dizem que vão sair em astral com os grupos. Esses são palhaços, porque nem eles mesmos são capazes de sair conscientes em corpo astral. Os fatos os estão demonstrando. As saíssem em astral, dar-se-iam conta das atrocidades que estão cometendo e corrigiriam erros, mudariam. Porém vejo que esses, mais dia, menos dia, são piores que porcos.

P – Quando, no dia, a auto-observação foi nula, nesse dia podemos praticar a morte de eu?

V.M. – Porém, se não se auto-observou... Poderia você sair à rua para brigar sem saber com quem? Não! Temos que nos auto-observar. Se não se auto-observou... Com quem vai brigar? A quem vamos eliminar? Na auto-observação é onde nos descobrimos.

P – Mestre, os locais que são usados para a meditação são convenientes usá-los para conferências?

V.M. – Sempre, para a meditação, deve haver um recinto à parte, onde não entre todo mundo, senão só para isso. Serve assim porque se vai impregnando de força e se chega uma pessoa estranha, danifica.

P – Deve-se contrariar o ego? Exemplos: Se tenho ganas de estar sentado, digo: Não, ponho-me a caminhar!

V.M. – Isto pode ser feito com a preguiça. Porém, não com todos os elementos psíquicos.

P – É outro ego que atua aí?

V.M. – Claro, é outro ego que atua. Vai se criando outro elemento aí; contraditório ao outro. Se queres ficar sentado, pois fica sentado.

P – O Mestre Samael, em um de seus livros, menciona como muito útil e necessária a prática do Prakṭimocha, na qual cada um confessa seus delitos e toda a fraternidade pede a Devi Kundalini que desintegre os defeitos que menciona. Essa prática pode ser realizada na fase C?

V.M. – Nem na fase C nem nenhuma parte. A humanidade não está preparada. Isso trouxe grandes conflitos em muitos países, porque chegava um, por exemplo, e fazia uma confissão de todos os seus delitos e mais se demorava alguém em fazê-lo, mais ficava na boca de todos na rua. Ninguém aprecia esse silêncio. Em realidade, esta prática é muito adiantada e não há preparação... Ninguém sabe fazer silêncio, guardar segredos. Porém, uma confissão dentro de si, nada mais.

P – Deve-se comentar o que sentimos ao fazer as práticas na face C?

V.M. – Nada, nada, nada! O esotérico não deve ser comentado nem com a mulher, nem com o irmão, nem com o pai, nem com ninguém. Isso é muito individual nosso.

P – Mestre, há pessoas que se jactam de ser Boddhisattwas. Alguns dizem que o Mestre Samael lhes disse e aqueles outros já se consideram mestres e contam tudo isso aos grupos.

V.M. – São ignorantes, por que mais vale ser um principiante e não um Boddhisattwa, porque o Boddhisattwa traz todos os ressaibos do passado, e se entende que o Boddhisattwa está rodado ou caído e levantar-se é muito difícil. Temos à vista muitos Boddhisattwas e não se levantou o primeiro ainda. Saem maldizendo a Gnose, o V.M. Samael Aun Weor, e sempre, regularmente, o atraçoam.

P – Há pessoa que dizem que os mestres estão dando mensagens e que devem transmiti-las aos membros de fase C. Que se passa com essas pessoas? Deve-se-lhes crer ou o que?

V.M. – Nós recebemos dois tipos de ensinamento: o esotérico e o exotérico. Porém, há muitos, muitos elementos, que se estão tornando “mensageiros”. Aqui há uns na Colômbia, que dizem ser mensageiros de Anúbis, dando mensagens. Temos que nos cuidar desses elementos, por isso necessitamos o despertar da consciência individual, para não nos deixar enredar por esses elementos. Entendem?

P – Há pessoas, na fase C, que não querem trabalhar com os grupos, ou seja, na sede da escola, alegando que não querem seguir a ninguém, nem apoiar-se nos grupos para trabalhar e preferem trabalhar em suas casas. Que recomenda o senhor a essas pessoas?

V.M. – Em realidade o trabalho é muito individual em cada um de nós, seja em grupo, ou seja em casa; porém, a finalidade do grupo é para manter essa força, porque nós não somos uma força ainda. Se nos isolamos, nos apagamos, terminamos em nada. Para isso se usam os grupos, criam-se forças magnéticas e daí vem a ajuda diretamente das hierarquias. Quando nos isolamos de um grupo, isolamo-nos diretamente das hierarquias e de fato ficamos isolados. Por isso dizem que “uma andorinha não faz chover nem faz verão”. Um isolado ali não faz nada. Até aí se chega.

P – Mestre, todas aquelas pessoas que passaram por todas as fases (A, B) e entram na C de uma escola gnóstica, depois saíram, a esses cabe pagar carma?

V.M. – Porém duríssimo! Frequentemente essas pessoas vão para baixo. Colhe-os a lei de involução. Desprezam a luz nestes momentos. Por isso as hierarquias têm tanto interesse em que nos expandamos no mundo. Como a humanidade foi julgada, todos fomos julgados, porque não queriam (as hierarquias) meter no abismo ninguém a quem tenha chegado o conhecimento. Isto está se levando como um requisito para a humanidade. Por isso o missionário deve se limitar-se a entregar o conhecimento o mais claro e correto que possa. Bem claro. A nós, como missionários, deve dar no mesmo que entre a pessoa ou que não entre. Estamos ganhando igual. Que entre a pessoa ou não, estamos ganhando o mesmo. É um requisito para que a lei possa atuar.

P – É certo que uma pessoa que recebe o conhecimento, cobra-se-lhe por havê-lo recebido? Refiro-me internamente...

V.M. – Claro! Há como um imposto.

P – Por que razão uma pessoa que está aparentemente sã fisicamente, quando entra na Gnose e tenta trabalhar, fica enferma, com dores de cabeça, enxaquecas, adelgaça, etc.?

V.M. – Bem, por um lado o organismo, em primeiro lugar, não está acostumado às práticas que, ao fazê-las, o organismo as rechaça um tanto. Então o estudante pode sofrer ou padecer certas dores por não estar acostumado o organismo; e, por outro lado, vem a legião. Quando ela se sente atacada, ataca também.

P – Há um método para contrapor a esse ataque da legião?

V.M. – Aí estão os três fatores: morrer, nascer e sacrifício. Não há outra coisa.

P – Mestre, atualmente se vêem casos de crianças que estão cheias de caprichos, iracundos, etc., é que o ego é muito forte e pode manejar a máquina em tão precoce idade?

V.M. – Há máquinas humanas que não precisam de muita idade para a manifestação do ego. Essa criança em menção amadureceu para a manifestação do ego. Isto não quer dizer que não serve para o espiritual.



P – Mestre, um casal gnóstico com filhos, como pode introduzi-los no ensinamento?

V.M. – Temos que advertir aos casais gnósticos que não é o conselho senão o exemplo o que mais vale. Muitas vezes se lhes dá um conselho e o exemplo é diferente. Ali não estamos fazendo nada. É o exemplo a melhor orientação para uma criança. De que nos vale dizer-lhe que beber é mau e chegamos bêbados?

P – As crianças, com que idade podem começar a ler os livros da Gnose?

V.M. – Desde os oito ou nove anos; porém, desde o começo deve se orienta-las; desde o próprio nascimento deve-se orientá-las.

P – E a partir de que idade pode uma criança aplicar a concentração na morte do ego?

V.M. – A partir dos doze anos.

P – Temos que respeitar o livre arbítrio do filho nestes casos?

V.M. – Claro que sim. Não se pode obrigar ninguém. Isso seria magia negra, porque se coage a vontade alheia.

P – Se há um estudante muito interessado na Gnose, tem boa conduta, assiste regularmente, então vai-se passa-lo a fase C. Porém, resulta que aquele homem tem uma venda pública de licor. Que se deve fazer?

V.M. – Neste caso temos que chamar-lhe a atenção, dá muito mal aspecto e vai contra a própria Gnose, o que nos está acontecendo por estes lugares. Se nós não fazemos responsáveis, somos um pouco conscientes, então sabemos que toda atuação má em nós vai contra a Gnose. As pessoas não dizem: “Fulano é mau, me fez tal coisa”, senão que “a Gnose, os gnósticos...” Se fossemos um pouquinho mais responsáveis, não faríamos dano, porque tudo vai contra a Gnose.

P – Ainda quando a economia dependa desse negócio?

V.M. – Bem, se alguém se encerra no mundo, crê que se sai daí, vai morrer... Eu digo que uma pessoa, se muda o negócio, vive bem. A pessoa se mete dentro de um círculo e pensa que, se sai, vai morrer. Mentira!

P – Por que no astral está a consciência mais adormecida que no físico?

V.M. – Bem, é a mesma. A consciência no astral e a mesma que no físico. O que está adormecido aqui, lá está exatamente igual. O que acontece é que a gente não se dá conta que está adormecido aqui, e se dá por desperto...

P – Mestre, que acontece quando alguém diz que vai muito bem no trabalho esotérico, que sente que vai bem?

V.M. – Se auto-observa minuciosamente seu trabalho, vê que não está bem esotericamente; é quanto mais vai mal. É o momento que o ego aproveita para nos fazer crer que estamos muito bem, para que se adormeça mais. Entendeu? Para ele ganhar uma partida aí. De modo que, quando nos sentimos bem, fazemos um minucioso exame do trabalho, vemos que andamos mal. Nenhum de nós pode dizer que anda bem espiritualmente. Só o Pai pode permitir-se o luxo de dizer: “Vou bem!” Nós, mais ou menos; porém, bem, nenhum de nós.

P – Mestre, para escolher o guru devemos despertar internamente?

V.M. – Temos que despertar. Isso não se escolhe inconscientemente, senão de forma consciente.

P – Se o senhor chegou à altura que chegou, será porque o Mestre Samael, nos primeiros tempos da Serra Nevada, teve que lhe dar algumas

chaves, ao menos no início, quando ainda não haviam aparecido as obras de Psicologia Revolucionária?

V.M. – Não. Eu recebi os ensinamentos exatamente igual aos demais. Eu me despeguei por minha inquietude e porque não queria engolir contos nem do Mestre, nem de ninguém. Ou seja, eu fui um rebelde.

P – Porém, o senhor, para eliminar o ego, teve que pedi-lo à Mãe Divina.

V.M. – Claro que sim! E pedia a meu Pai também e fazia investigações até no mundo mental e causal.

P – E o Mestre Samael lhe disse que o fizesse assim?

V.M. – Não! Ele me dizia: “Investiga!” Porque eu já tinha essas facilidades, porque me propus, desde o momento que comecei a praticar.

P – Como se sabe se uma experiência é verdade ou mentira, se se foi enganado pela legião do eu, que também sai, ou é um chispaço da essência?

V.M. – É que praticamente lá se põe em jogo a intuição. Eu, em muitas ocasiões, invocava o Mestre Samael e chegava; e por pura intuição sabia se era um mago negro disfarçado. Por pura intuição. Então eu o conjurava e ele se mandava. Depois chamava o Mestre e aparecia o verdadeiro Mestre Samael. Por pura intuição o sabia.

P – Influi também o carma no fato de ter experiências astrais?

V.M. – Não! Quanto mais castigado esteja alguém, mais oportunidades lhe dão, mais o ajudam. A mim, por exemplo, me ajudam muito as hierarquias, bastante, até que eu comecei a caminhar com meus pés. Logo me soltaram. Retiram-no a ajuda e nos deixam. É como um menino que está aprendendo a caminhar, que todos lhe dão a mão. Quando já aprendeu a caminhar, deixam-no. Assim é!

P – Deve-se contar sonhos?

V.M. – Fizemos um juramento de não divulgar os secretos ensinamentos que pudéssemos receber. E quem o está entregando? O Pai e a Mãe nos estão entregando o ensinamento e se se começa a divulgar os sonhos, está-se divulgando o ensinamento. Por um lado, se está pecando; por outro lado, por não se conhecer a simbologia, pode trazer más consequências também, porque primeiro temos que despertar e aprender a

conhecer bem a simbologia para poder interpretar seus sonhos. Se se está dormindo, não se pode interpretar os sonhos. Aí se comete grave falta. Nem à mulher, nem ao esposo, nem ao filho, nem ao pai, nem com ninguém se deve comentar os sonhos, porque ali se está divulgando o ensinamento que se está recebendo e isso é muito individual. Pode ser que não o entendamos no momento. Porém, quando se vai despertando consciência, já se começa a conhecer o que é a simbologia e podemos interpretar as experiências sem necessidade de contá-las a ninguém. Por isso é sempre lhes tenho dito que despertem consciência, para que não estejam divulgando suas coisas um aos outros, senão que cada qual marche por si mesmo.

P – Que carnes podem ingerir aqueles que estão trabalhando sobre si mesmos, já que ouvimos comentários de que o peru, coelho, o pato, etc., são perniciosos para o trabalho?

V.M. – O Mestre Samael comia pato e peru. A única carne que não se deve ingerir é a do porco. O javali, apesar de sua semelhança com este, não é nocivo, pois, automaticamente sua carne é diferente. Em compensação, os átomos da carne de porco nem o fogo os acabam.

P – Esotericamente, também o porco danifica?

V.M. – Esotericamente o porco é um animal involutivo, nunca olha o Sol. Esta para baixo sempre e gosta de estar na porcaria. Para a parte sexual o porco é algo incomparável. Os fatos reais são que o gnóstico que como carne de porco não pode chegar à castidade; não pode ser casto, porque os átomos animais desse animal em involução vão diretamente ao sexo, onde as paixões assaltam as pessoas e vão para a fornicação. Se a pessoa é solteira, sofre então de poluições noturnas. Um pedacinho de porco tem pelo menos dez dias de ação.

P – Inclusive se essa carne está em compostos, banhas, etc.?

V.M. – No que seja. Pode ser a banha de porco, nada mais que se ingira. Com isso é suficiente. Eu, por exemplo, tenho pavor do porco.

P – Se se faz alguma comida que leve porco e que depois se tira?

V.M. – Fica tudo envenenado.

P – No interno pode ver alguma larva quando comeu porco?

V.M. – Não uma. Múltiplas larvas. Por exemplo, ver um porco, quando o passa pela labareda, brotam larvas de montões e isso ferve. Se nos pomos a olhá-lo não há nem a ponta de uma agulha que não tenha larvas. Está cheio de larvas. É algo nocivo. O pior que se pode fazer é comer porco ou banha. Tudo o que seja porco.

P – Mestre, há estudantes da sabedoria gnóstica que depois de haver conhecido o corpo de doutrina se retiram e cometem adultério e se entregam à vida mundana, etc., depois de certo tempo querem voltar a escola. Como se deve proceder nesses casos?

V.M. – As portas do arrependimento são as últimas que se fecham. Temos que ter caridade, assim como a têm as hierarquias conosco.

P – Que é que se perdem essas pessoas que assim atuam?

V.M. – O que nada tem nada perde. É o mesmo que derrubar uma coisa que está no chão.



O ESOTERISMO

P – Deve-se fazer as conjurações antes de se fechar a cadeia ou depois?

V.M. – Fazem-se quando já se fechou ou enlaçou a cadeia. Assim há uma maior circulação terrível de forças que limpam o ambiente.

P – Pode-se fazer em sequência uma cadeia de força e outra de cura?

V.M. – Não, não se deve. Nem no mesmo dia sequer. São duas forças contrárias.

P – Excluindo o Pranayama, a mulher pode fazer cadeias e demais práticas na fase C com o mênstruo?

V.M. – Claro que sim. Essa é uma enfermidade normal na mulher. O que não pode realizar é o Pranayama.

P - Isso de fazer cadeia com os Elementais do fogo, da água, etc...

V.M. – Vou explicar-lhes o que o próprio Mestre Samael me explicou. Os Elementais são famílias que têm suas leis próprias, evolutivas e involutivas. Logo, então, toda violação da lei é magia negra. Vamos pôr um exemplo. Se as Hierarquias Divinas começam a querer violar nossas leis, deixariam de serem hierarquias. Elas nos indicam como nos superar, porém, até aí. Se nós entramos no grupo, nas leis dos Elementais, ficamos convertidos em magos negros. Estamos violando leis. Essas leis são intocáveis. Nós não podemos fazê-los evoluir ou involuir a força. O mesmo que as hierarquias conosco. Elas nos respeitam, nos dão orientações de como sair, como nos libertar das leis mecânicas, porém, não nos podem fazer revolucionar à força. Por isso quem se mete a trabalhar com

Elementais, nesse sentido, está violando leis, anda muito mal espiritualmente.

Agora, não vamos aos extremos, como lhes dizia, busquemos o equilíbrio. Se há um enfermo e sabemos que com uma planta se vai curar esse enfermo, então se bendiz, faz-se o ritual correspondente e se dá ao enfermo. Não podemos ir aos extremos.

P – *Quando um estudante gnóstico é ameaçado pela loja negra e inclusive ameaçado de morte e lhe fazem um trabalho de feitiçaria, que recomendaria o senhor, além de realizar cadeias com a lei, com o V.M. Samael e os anjos da antiga Terra-Lua? Que é que pode surtir efeito imediato nesses casos?*

V.M. – *Pode-se trabalhar com o Elemental do “guásimo” ou da piteira (sisal) (maguel), para que envolvam seu corpo físico numa cinta mágica para que nenhum trabalho de magia negra possa penetrar.*

P – *Isto pode ser feito com pessoas que não conheçam o ensinamento gnóstico?*

V.M. – *há! Não! Já aí não nos temos que meter em campos alheios. Estou falando dos que estão dentro do conhecimento.*

P – *Quando vamos e vemos uma planta, ainda que não haja ninguém enfermo, fazemos-lhe a elementoterapia para que se alguma vez há algum enfermo e lhe faz falta?*

V.M. – *Não há necessidade. Só em cuidar das plantas, não estragá-las, tornar-nos guardiões delas, é mais do que suficiente para manter esse Elemental a nosso favor. A Gnose é a coisa mais simples. Complicam-na com tanta coisa que lhe vão agregando.*

P – *Mestre, as conjurações e o círculo de proteção temos que entregá-los aos membros de fase B, de fase A, ou às pessoas que tenham problemas?*

V.M. – *Na fase B entreguem-lhes isso. Temos que entregá-lo na fase B.*

P – *Se uma pessoa está na fase A e tem problemas?*

V.M. – *Também se pode ensinar na fase A. Isso não pode prejudicar ninguém em nada.*

P – Pode explicar-nos como se deve fazer o círculo mágico?

V.M. – Quando passamos pela parte evolutiva da natureza, ficou, em nós, o intercessor Elemental. Valemo-nos do Íntimo para que ele ordene ao intercessor Elemental traçar um círculo mágico ao redor da habitação, ou da cama, ou do seu corpo, para que nenhuma entidade nos possa prejudicar. Antes devem ser feitas as conjurações e depois a petição ao intercessor Elemental por meio do Íntimo. Isto o fazemos todos os dias antes de irmos para a cama. Esta explicação pode ser dada nos grupos já no final da fase B, porque já começam as entidades a nos atacar. Este círculo não se rompe nem que toda a loja negra se venha em cima de nós. É intocável a pessoa que está dentro desse círculo. Principalmente as conjurações a arma que se entrega ao discípulo para que se defenda. Estas podem ser entregues no princípio da fase B.

P – Pode-se utilizar o Elemental do floripôndio para fazer pactos e sair em astral?

V.M. – Para quê? Eu fui o primeiro a fazer esse pacto e o rompi rapidamente, porque nos tornamos mais preguiçosos do somos.

P – Que nos pode aconselhar para sair mais rapidamente e, astral? Que práticas? Que metodologia?

V.M. – Todas as práticas que dá o Mestre Samael em seus livros são um fato para mim. Nenhuma prática me falhou. Uma noite disse: Não vou fazer nenhuma prática. Vou ver como saio do corpo físico. Relaxei, concentrei-me em meu coração e esperei o sono com os olhos fechados, sem mantram nenhum.

Senti que passou como uma corrente elétrica pelo corpo, dos pés à cabeça, perdi a ação; ia mover um dedo do pé ou da mão e não podia; sentia-me pesado, com aquela coisa. Segui minha concentração. Pensei que estava saindo do corpo. Notei um ruído aqui no cérebro, como um motorzinho. Segui minha concentração; o som foi aumentando barbaramente, cri que me ia explodir o cérebro. Veio uma sacudida do meu corpo, até que saí todo. Vi meu corpo onde ficou; arranquei conscientemente. Então me agradou, não por poderes de mantras, senão por pura concentração.

P – Mestre, que opina o senhor sobre as práticas Jinas? É conveniente realiza-las?

V.M. – As práticas Jinas, oxalá todo mundo a realizasse, pois, em caso de emergência se pode sair do plano tridimensional. O V.M. Samael deu estas práticas não para memoriza-las, senão para praticá-las.

P – Podemos um copo de água e em qualquer momento o podemos estar vendo, e depois, fechar os olhos, perdemos a imagem. Como devemos fazer nesse caso?

V.M. – Segue-se vendo-o. Se se perde a imagem, volta-se a abrir um pouco os olhos. Quando, na concentração e na meditação, chega o cansaço do corpo, é melhor não tentar. Já é perder o tempo. Pois isso se vai educando gradualmente o corpo, o organismo, pouco a pouco. Se chegou o cansaço não há concentração, nem meditação, nem nada.

P – Podem ser feitas mais práticas de meditação à parte da do coração?

V.M. – A do coração é muito importante. Pode-se pôr um objeto ou qualquer coisa como instrumento para a meditação, para a concentração. Se se dedicam mais à concentração no coração, melhor ainda.

P – Como se faz a prática de concentração no coração?

V.M. – Primeiramente se relaxa o corpo, os músculos que há em todo o corpo. Depois fazemos uma oração ao Pai e a Mãe para que eles nos ajudem. Nunca devem atuar sem lhes pedir ajuda. Terceiro: Metam-se em seu coração, olhando como é a forma do mesmo, como circula o sangue, de que é feito, como é por dentro, até que entremos e quando percebemos, podemos estar metidos dentro do nosso próprio coração, que é nosso templo.

P – Há pessoa que tentam imaginar o coração e não podem. Falta-lhes imaginação. Que fazer?

V.M. – Em todo o ensinamento do Mestre, ele diz: prática para o astral, prática para a meditação, prática para o arcano. Nós queremos começar como Mestre. Muitas vezes vêm os abusos nossos ou não nos cingimos à ordem, porque queremos caminhar logo. Esses abusos nos prejudicam. Temos que começar pouco a pouco, gradualmente, e verão que dá resultado. Gradualmente.

P – Nas práticas de meditação deve-se ter a vela acesa?

V.M. – É melhor deixar escuro.

P – Que nos diz, Mestre, sobre os pentagramas? Aconselha-nos levá-los postos?

V.M. – O melhor pentagrama somos nós. Olhem para mim. Eu nunca carreguei pentagrama. O nosso pentagrama está dentro. É o melhor.

P – Diz-se que devemos meditar com sono. Porém, quando há cansaço corporal é normal isso?

V.M. – Já se perde o tempo. Podemos limitar-nos um lapso de tempo para a meditação. Por exemplo, uma hora. Porém, existem pessoas que aos quinze minutos já começam a se cansar e até aí chagaram. A meditação, como todas as práticas em grupo, não é senão para uma educação; porém, em realidade, cada um em sua casa deve conseguir essa adaptação do seu corpo. O corpo não é senão para a educação. Temos que ir educando o corpo, o organismo.

P – Num Shamadi se libera toda a essência ou somente a porcentagem que temos livre?

V.M. – Somente a porcentagem livre. Não é toda a essência. Cada elemento psíquico tem sua partícula de essência aprisionada. Fica aí na quinta dimensão.

P – Diz-se que o enxofre e o incenso são forças contrárias. Então, é conveniente queimar os dois num mesmo recinto?

V.M. – Não, o enxofre e o incenso não devem ser mesclados ou queimados juntos. O enxofre é para fazer limpeza e o incenso para harmonizar.



P – Mestre, a que se deve o fato de que a uma pessoa em particular se materialize a Divina Mãe, ou o Intimo, mediante figuras simbólicas?

V.M. – Bem, é o Pai que se materializa quando alguém verdadeiramente está um pouco mal. Eles esgotam últimos recursos para nos fortalecer. Depende do símbolo, estão nos mostrando como estamos. Porém, sempre, sempre, eles, enquanto estejamos marchando mais ou menos, não se deixam ver, nem escutar sequer. Eles podem materializar-se quando se está no último caso, quando já se vai para o precipício.

P – Quando um instrutor tem um baque psicológico, que vem abaixo, é conveniente que deixe o grupo ou é melhor intensificar seu trabalho com o grupo?

V.M. – O melhor é intensificar. Quando se cai, se leva um tombo, se resvala e cai, você ficaria sentado ou se põe a caminhar? Começa a caminhar, não é certo? Bem, dentro do ensinamento também. Cai-se? Levante-se e arranque com mais ganas, para recuperar o que perdeu, porque, senão, caído fica... Deve-se levantar e arrancar.

P – Mestre, pode dar-nos uma orientação sobre o que é o sacrifício pela humanidade e a caridade?

V.M. – Bem, o sacrifício pela humanidade sempre tende a ser confundido com a caridade.

Vamos explicar estes dois aspectos. O sacrifício pela humanidade é entregar o conhecimento sem limites. Porém, para isso temos que nos

preparar, não, digamos, intelectualmente senão esotericamente. Quer dizer: Despertando consciência.

Nunca trabalhamos bem, senão, mais ou menos bem. Bom somente é o Pai. Nós andamos sempre, como diz por estes lados, “a meio pau”.

Bom somente é o Pai. Por isso devemos ir melhorando a obra. Temos que despertar consciência, melhor dito, trabalhar com os três fatores (morrer, nascer e sacrifício pela humanidade). Quanto mais se trabalha mais se vai melhorando e é pela obra que nos qualificam e nos pagam. Quer dizer, nos castigam ou nos pagam pela obra que realizamos. Se a fazemos péssima, recebemos o castigo; se a fazemos mais ou menos bem, recebemos nosso prêmio.

A caridade é muito diferente. Já é dar de comer ao faminto, dar de beber ao sedento, etc., etc... Ou seja, o material, o que se dê ao necessitado, isso é caridade! Isto nada tem a ver com o fator sacrifício pela humanidade.

A caridade é uma obrigação nossa, é um acréscimo que agregamos aos três fatores. Esse é o qualificativo, porque o que se dá aqui no mundo físico, físico se merece. O que se dá espiritualmente, espiritualmente no-lo pagam. Então, temos que ter muito claro isso. Se você deu um prato de sopa a um faminto, então a você lhe sobrará comida, porém, não está ganhando espiritualmente nada.

Assim que, pois, há diferença nisto, porque sempre tendem a confundir muito o sacrifício pela humanidade com a caridade. A caridade, como já disse, é algo que nós temos a obrigação de fazer, de compartilhar com nossos semelhantes o que temos; porém, isto está à parte do sacrifício. O que se dá materialmente, materialmente no-lo devolvem. Se se dá espiritualmente no-lo pagam. Então, como estamos pelo espiritual, devemos sacrificar-nos espiritualmente para que os pagamentos sejam espirituais. Está claro?

P – Mestre, o caso dos filhos únicos que querem trabalhar na missão, podem deixar a responsabilidade da mãe ou do pai com pessoas muito chegadas ou familiares próximos?

V.M. – Sim, é correto. Sempre e quando se tem de que não se vão passar necessidades econômicas e de que não terão dificuldades. Se o pai ou

a mãe passam fome ou necessidades por nossa culpa, pois saímos mal ante a lei. Ou seja, deve haver um perfeito equilíbrio.

P – Há pessoa que estão casadas e que tem filhos, que estão decididos a dar missão; porém dizem que, não será também pôr carma a seus filhos? Que devem fazer?

V.M. – A obra está por ser feita em todas as partes. Onde estejamos trabalhando, em todas as partes está a grande obra a ser feita. Vou explicar-lhes: Aqui na Colômbia havia muitos casos de pessoas nas quais entravam febre de ser missionários e deixavam a mulher e os filhos passando necessidade e saíam a ensinar, lançando-se carma sobre si. Temos que levar equilíbrio na parte tridimensional e na esotérica, para assim atender duas frentes.

A mim me tocava, por exemplo, sair, às vezes, dois anos do país, ano e meio, um ano, então eu deixava equilibrada a parte econômica para a família, meus filhos e minha mulher; deixava crédito no banco, deixava tudo em ordem, não deixava dívidas de nenhuma espécie. Deixava tudo bem em ordem e me ia. Regressava para me equilibrar outra vez, economicamente também, e assim poder estar pronto para quando o Mestre Samael me dissesse.

Não podemos desprender o material do espiritual. Essa é a base, o que disse o Mestre, da iniciação: “É a própria vida, vivida sabiamente.” Se um missionário sai para dar a obra e deixa a mulher e os filhos passando necessidades, pobre diabo! Não está fazendo nada!

P – Nas escolas gnósticas se apresentam casos de pessoas que entram na fase A, e se vê interesse, porém, têm dificuldade para assimilar o corpo de doutrina. Como se deve proceder com estas pessoas?

V.M. – A assimilação certa do ensinamento é devida à instrução dos missionários, dos termos que usam para dar o ensinamento. Não é a pessoa em si, senão o missionário. A maior parte dos missionários e instrutores usam uma linguagem, uma terminologia que nem eles mesmos entendem, muito menos os que os escuta. Estamos para falar claro, preciso e contundente, para que todo mundo nos entenda.

P – Quando se trabalha no terceiro fator da revolução da consciência, quer dizer, no sacrifício pela humanidade, e se entrega a

doutrina de forma distorcida, que problemas advém ao elemento que assim atue?

V.M. – Há um adágio que diz: “O que mais dá, mais recebe”. Neste caso é o inverso: “Quanto mais tenha, mais se lhe tira”. Quando se diz “se lhe tira” a Mãe e o Pai se retiram; fica o indivíduo como um bêbado, sonâmbulo que não sabe donde vem ou para onde vai. Isso mesmo ocorre àqueles indivíduos sonhadores que sonham que já são hierarquias e se apartam para formar seu movimento à parte.

P – Como pode afetar a mitomania um instrutor?

V.M. – A mitomania não só afeta a um instrutor senão a qualquer um que caia nela, pois já se crê santo ou superior aos demais e não faz esforços para morrer, nem para trabalhar nos três fatores, pois crê que não os necessita.

P – Que nos diz dos grupos que estão editando os livros do Mestre Samael?

V.M. – Aqui na Colômbia, Íris Impressores, que é a gráfica que tem editado os livros do Mestre Samael, tem uma adulteração tão terrível nos livros, que já não se pode contar com isso.

O Tratado de Medicina Oculta e Magia Prática vem com práticas de magia negra, tiradas de livros de magia negra. Estão no livro de Medicina, dizendo que “aumentado pelo Mestre Samael”. Isso são mentiras! Essas práticas são de pura magia negra. De modo que nós estamos lutando para editar os livros na Espanha (através de Edições CARF) e aqui por orientação minha, para evitar esse problema dos livros, por que de Íris Impressores não compro um livro.

P – Que opina o senhor, Mestre, dos traidores do V.M. Samael que estão editando e degenerando o corpo de doutrina gnóstica... Inclusive estão dando umas práticas raras?

V.M. – Todos aqueles traidores ou adúlteros (não somente se adultera com a carne senão também com o corpo de doutrina ou com o ensinamento), esses que estão adulterando os livros do V.M. Samael Aun Weor, introduzindo práticas de magia negra, são vítimas do abismo. O pranto e o ranger de dentes os espera.

P – Um deles se deu à tarefa de editar os livros onde se diz que “o ego animal tem corpo e alma”. Que opina o senhor?

V.M. – Quem diz que o ego tem corpo e alma poderá ser um exoterista ou um charlatão rueiro, que não passou pelas portas do esoterismo, porque, quem disse que um humanoide intelectual, equivocadamente chamado homem, tenha alma? Poderá ter uma essência. Sabemos muito bem que para fabricar alma temos que morrer em nós mesmos para ir aumentando a porcentagem de consciência e converter-nos em alma.

P – Este senhor, antes mencionado, está fazendo tanto dano com seu pseudo-ensinamento que se deu a tarefa de escrever que com o arcano não se elimina o ego.

V.M. – Dito cavalheiro em menção que está assegurando que o ego tem alma e esta outra asseveração de que com o arcano não se mata o ego, dá lugar a entender e está muito claro que o tipo é fornicário. Com esta prática que dá este cavalheiro, está convidado à fornicação, não a castidade. Cuidem-se dos lobos rapaces que tratam de devorar os ingênuos, àqueles buscadores da luz.

P – Há um panfleto que foi editado por outro desses traidores que, ao final do mesmo, inclui uma mensagem dirigida às instituições gnósticas, dizendo que é do V.M. Samael, enviada através de um elemento que diz que recebeu diretamente de Shambala. Como lhe parece isto?

V.M. – O panfleto em menção foi editado por um louco que esteve em clínicas de repouso e se quer fazer passar por um regente de um planeta. Deduzam vocês que classe de sonhador será este tipo.

P – Mestre, por que o povo gnóstico ficou desorientado, com a raiz do processo que tocou viver ao Mestre Samael?

V.M. – Bem, em realidade ficaram desorientados, porque não havia esoteristas. A maioria são intelectuais e o intelecto brigão elabora conceitos equivocados. Estes senhores eram seguidores da parte tridimensional do Mestre Samael. Nem sequer seguiam o Mestre, porque um seguidor do Mestre trabalha e se converte de fato num esoterista. Porém, como a maioria não se dedicou a trabalhar sobre si mesmo, ou seja, nos três fatores, pois se desorientaram.

Por que eu não me desconcertei? Porque continuei minha comunicação com ele, por isso é que enfrentei muito mais forte o meu trabalho e estou pela obra que foi deixada pelo V.M. Samael, para que a obra não se desintegre e apresente-la ante as hierarquias superiores como obra verdadeira.

P – Falou-se muito que o Mestre Samael tem corpo físico. Outras pessoas dizem que não. Poderia esclarecer-nos esta questão?

V.M. – O problema radica em que os que não conhecem a parte esotérica têm argumentos contraditórios. Ouvi uma quantidade de argumentos que carecem de toda lógica. O que não sabem eles é que quando um mestre termina uma etapa, por exemplo, o Mestre Samael, tem direito, por lei, que não se pode negar a ninguém, a um descanso, a um descanso absoluto. Isolam-se, ficam quietos até que cumpram um lapso de tempo. Não há tempo limitado para isso. Ali recebem a ordem de quando devem sair outra vez. Quando um mestre termina a obra, isola-se, faz-se passar por morto ou mete seu corpo dentro da quarta vertical, ou desencarna, se não necessita desse corpo; porém, perde-se-o de vista. Então vêm os argumentos de uma e outra maneira.

O Mestre Samael teve que ir para o bem da própria obra.

Todo o Avatara tem que desaparecer para o bem da própria obra. Se o mestre segue aí, não se desmascara o que tem que desmascarar.

P – Mestre, ouviu-se dizer que ao final destes tempos o Mestre Samael falará pelo rádio, televisão, que pararão os televisores e as rádios e falará ele. É certo isso?

V.M. – Isso é pura mentira. Ele andarás pelas ruas, por onde seja. Como especulam as pessoas! Também recordo quando desencarnou, diziam que tinha um gêmeo no Peru, etc., etc.

P – O Mestre Samael não se sabe se aparecerá ou não?

V.M. – Ele aparece, porém, já quase no final.

P – Então isso que se murmura de que proximo virá o Mestre Samael?

V.M. – Ele tem sua múmia. Eu conheço muito bem a múmia. Conheço-a bem. Porém, Ele, por hora, não sai.



P – Pode nos dizer algo, à parte do que o Mestre Samael diz, sobre como se deve fazer a parte do arcano, algo que não esteja escrito nos livros, algo que não saibamos?

V.M. – Aí em Ciência Gnóstica explico o processo pelo qual passei. Estou falando de uma experiência minha. Creio que é a “pedra de tropeço” mais terrível para todos nós. Não? Então, isso me tocou vive-lo. O único método foi valendo-me da concentração e da imaginação. Se se vai à prática deixando a mente solta, aí vem o problema, porque as caídas vêm pela mente.

P – Quando o senhor diz “pedir ao Querubim”, que diferença há em pedir a Mãe Divina?

V.M. – Se unimos dois polos nasce uma terceira força. Nesses momentos, da união do homem e da mulher, nasce essa terceira força nesses instantes que, poderíamos dizer, é a Mãe Divina em ação, em potência, nesses momentos. Então se chama querubim à criatura que nasce nesses momentos. Este tem o poder de todo o cosmos e de toda a natureza. Aí está atuando todo o poder.

P – No trabalho do arcano, quando se vai eliminar um ego, é conveniente que o casal esteja eliminando o mesmo ego?

V.M. – Olha, é importante que o casal se ponha de acordo, porém, que não haja egoísmo em nenhum dos dois. Por exemplo, você está trabalhando em tal ou qual ego que descobriu e analisou profundamente, então diz a seu companheiro: “Coopere comigo para eliminar este defeito

que já o analisei.” Então o companheiro deve cooperar para que seja muito mais fácil e o inverso também. Se seu companheiro descobriu um ego e quer eliminá-lo, então você coopera com ele. Ou seja, quanto mais acordo, melhor. E quando não há acordo, então tem que se trabalhar para a sua mochila, um pouco mais demorado para seu trabalho, porém, cabe. Não?

P – Quando temos um defeito que estamos trabalhando certo tempo no arcano, deve-se continuar trabalhando até que se por si mesmo se dê conta que o eliminou? Ou como se chega a saber que foi eliminado?

V.M. – Quando se elimina um defeito, vem a virtude. De modo que, pois, não há necessidade de entendê-lo intelectualmente, senão que os nossos atos irão mudando. Agora, se se está um pouco desperto, ver-se-á o processo da morte dos defeitos nos mundos superiores.

P – O Mestre Samael fala que quando se fabrica um corpo é porque se sabe que se o tem e se pode utilizá-lo, porque nos casos em que se o fabrica mecanicamente a pessoa não se dá conta, nem pode usá-lo.

V.M. – Parece-me essa pergunta de fabricar corpos solares mecanicamente um absurdo; pois, com a mecânica não se consegue nada. Outra coisa é estar trabalhando inconscientemente na transmutação das energias, sem haver despertado. Isso é muito diferente. De modo que, pois, esse tipo de mecânica que você manifesta não volte a ocorrer, porque isso pode trazer confusões graves.

P – É conveniente, no princípio, ao se casarem as pessoas, passar imediatamente a transmutar, ou é melhor estar durante algum tempo se preparando, pedindo à Divina Mãe que lhes prepare os condutos etc.?

V.M. – Bem, há um problema que devemos ter em conta. Quando há muita alteração no casal, não devem praticar o arcano; aplicasse a carícia ou “carezza”, que é transmutar as energias sem o perigo de caída. Quando veja o casal que há perigo de caída, melhor não se unir, porque é provocar um problema. Quando há muita alteração, melhor não se unir.

P – É correto, quando se está praticando alquimia e o homem perde potência, voltar a excitar o membro?

V.M. – Já quando se perdeu, se perdeu. Deve-se retirar-se.

P – E se se perde desde o princípio?

V.M. – A babosa (aloés) corrige isso, tanto no homem quanto na mulher.

P – De que forma se utiliza a babosa para o problema da frigidez na mulher?

V.M. – Tira-se-lhe a casca, a parte de fora. Fica o cristal o qual se liquidifica e se toma todos os dias um copo de manhã, até que já se normaliza.

P – As carícias, no trabalho do Maithuna, requerem um estado interior adequado e uma auto-observação plena?

V.M. Sim, claro. As carícias devemos fazê-las muito conscientemente e gradualmente. Não passar dos limites. Isso é importante para o casal.

P – Que consequências têm as poluções no trabalho esotérico?

V.M. – Em realidade, sim, têm más consequências. Vamos supor que os senhores do carma não nos cobrem nada, porque andamos adormecidos. Porém, para o trabalho aqui, sim, têm consequências gravíssimas. Um excedente é o que se transmuta para cristalizar os corpos internos, ou seja, os corpos de fogo, e ao não haver excedente, que se vai transmutar? Se esse excedente se vai em poluções noturnas, não há excedente. Então, como vamos fabricar os corpos internos? Que é que vamos transmutar se não há? Então, sim, prejudica.

P – Mestre, que tempo se deve esperar para voltar a se realizar as práticas depois de uma caída?

V.M. Em realidade o que cai, não digamos que cai, digamos melhor, resvalou, ou rodou donde estava para onde estava. Cair é uma coisa que está alta... Não é certo? Rodar é o que está no solo; neste caso rodou por uma caída, rodou mais. Deve-se esperar unicamente vinte e quatro horas, porque a cada vinte e quatro horas se pode realizar a prática, porque a cada vinte e quatro horas está apta a energia para a transmutação, está madura. Esses que demoram três ou quatro dias é perder tempo. O que cai e fica caído é um tonto!... O que caiu, levante-se e caminhe!... Entendeu?

P – Num matrimonio em que a mulher foi operada e lhe tinham extirpado os ovários, pode o marido praticar com ela?

V.M. – O marido pode praticar. Ela não pode progredir internamente pelo fogo. O que pode fazer é dedicar-se a morrer psicologicamente. Dedicar o resto de seu tempo à morte do eu, porque já a transmutação não pode ser.

P – E no caso das mulheres que tem mal as trompas de falópio ou outro órgão?

V.M. – Então sim. Quando não houve operação dentro da própria prática se pede ao Querubim para que se repare as deficiências que existam e possa conseguir sua cura, enquanto não tenha havido operação. A energia é a única medicina que serve para curar todo tipo de enfermidades. Uma vez curados, podem trabalhar normalmente na alquimia.

P – Supondo que haja um cavalheiro que entra na fase C, porém sua esposa não conhece o ensinamento gnóstico. Neste caso entrega-se-lhe o arcano AZF. Então, que acontece com sua esposa?

V.M. – Ele está no dever de explica-lo à sua esposa, do contrário ele cometeria um delito ao não comunicar à esposa o que se está realizando.

P – E se a esposa ou esposo não quer saber nada de Gnose?

V.M. – Bem, isso sim, já é delicado. Cabe então trabalhar com ela ou ele, sem que haja conflitos, com muita diplomacia no trabalho. Não dar a entender ao cônjuge que se está transmutando a energia. Com muita diplomacia! Porém, para isso, há necessidade de explicar muito detalhadamente ao esposo ou esposa, para que se inteire bem, porque muitas vezes não se lhe explica bem e há um mal entendido. De modo que, pois, deve-se explicar muito bem ao cônjuge para que possa entender. No caso em que se negue, então o esposo ou esposa tem que trabalhar muito silenciosamente em sua transmutação.

P – Supondo que um cavalheiro que assiste a fase B e vai entrar na fase C, e faz mais de um ano que está separado de sua esposa, este senhor já pode unir-se a outra mulher para trabalhar nos três fatores?

V.M. – Nesses casos o que se deve fazer é um último esforço e explica-lo à esposa, demonstrar que houve mudanças nele. Antes de se unir a outra deve-se primeiro fazer um último esforço, porque essa é uma alma que se vai perder.

P – E se ela não quer saber nada?

V.M. – Então deve esperar um ano sem ter contato sexual, antes de se unir a outra. Antes não. Depois desse ano ele já fica livre.

P – Se morre o cônjuge, também devemos esperar um ano?

V.M. – Como mínimo de um ano. Guardar os requisitos com a lei. Que a lei não tenha nada contra nós. Melhor é aguardar o requisito de um ano no mínimo.

P – Há pessoas que querem divorciar-se de seus parceiros porque não aceitam a Gnose...

V.M. – Isso não está correto, porque ninguém pode obrigar a ninguém. Isso seria contraditório, porque não se respeita o livre arbítrio. O que está na Gnose deve seguir seu trabalho, sua transmutação, muito diplomaticamente, sem se separar do outro.

Qualquer dos dois que não queira a Gnose, que prossiga o outro, sem escandalizar o lar. Ali entra o superesforço. Quanto mais haja superesforços maiores ganhos haverá.

P – O divórcio tem cabimento no gnóstico?

V.M. – Do divórcio poderíamos dizer por infidelidade de um ou do outro. Abandono do lar.

P – Quando é a mulher quem está no ensinamento, porém, seu esposo não e ele fornicar com outras, ela, então, deve unir-se ou não com ele?

V.M. – Seu dever é unir-se a ele. Ela deve transmutar suas energias e que se esqueça de que ele se torne pedaços e que se queima. Ainda que ele esteja adulterando, ela deve apegar-se a sua Mãe Divina. Ela a protege.

P – E se a mulher teme ficar grávida?

V.M. – É a Mãe Divina quem dirige a reprodução humana. Se começa a orar, ela protege.

P – P aborto provocado, carmicamente é muito grave?

V.M. – É um crime que o pagam muito duro, tanto ela quanto ele.

P – Pode-se banhar-se a mulher com o mês-truo?

V.M. – Não. Até que passe totalmente o mês, já que, do contrário teria enfermidades posteriores. Isso é lógico. Enquanto esteja menstruando não se deve banhar nenhum dia.

P – Se a mulher está no período menstrual normal, sem dor, é conveniente fazer a ginástica que o Mestre Samael põe no livro Transformação Radical?

V.M. – Não, é melhor ficar tranquila.

P – Por quanto tempo deve a mulher amamentar a seu filho?

V.M. – Não mais que seis meses. Já depois não se passa anticorpos à criatura, e o leite não é efetivo.

P – Quando alguém é solteiro e não consegue esposa para trabalhar no arcano, que pode fazer para acelerar este processo?

V.M. – Observem que o mal o levamos dentro de nós. Se alguém começa a morrer, de fato lhe aparece a companheira rapidamente, porque é um ímã de atração. Se alguém não morre, ao contrário, rechaça, ninguém o quer ver. Aí está o problema. O problema está dentro de nós mesmos. Não fora.

P – Há pessoas que são solteiras, e creio que leram em Medicina Oculta, o que o Mestre fala da Ordem dos Eoptae e ditas pessoas dizem que estão praticando a magia sexual nos mundos internos e falam com muita segurança, como se em verdade o tivessem experimentado. Que é que sucede com estas pessoas?

V.M. – Estes elementos, sendo solteiros, e que dizem estar praticando magia sexual nos mundos superiores, são simplesmente fornicários que, como não podem descarregar fisicamente, fazem-no nos mundos internos, com qualquer maga negra.

Esclareço: Isto que diz o V.M. Samael Aun Weor é para homens que trabalharam neste mundo tridimensional, que despertaram consciência e que se podem dar esse luxo de trabalhar nos mundos ou dimensões superiores com plena consciência. Isto não é como o creem os charlatões, fisicamente, para poder enganar aos demais.

P – Existe algum modo de saber se o companheiro ou companheira é a adequada, a que corresponde a cada um de nós?

V.M. – Sobre isso houve quantidade de coisas. Em realidade, a mim me agrada ser muito claro. Isso das “almas gêmeas”, que me corresponde por signo, etc., são leis mecânicas. Que esta mulher me corresponde por signo? São leis mecânicas da natureza. O gnóstico ou a gnóstica estão superando leis mecânicas. Contando que a mulher e nós aceitemos os trabalhos dos três fatores, todos os demais dependem do trabalho. Falou-se muito das almas gêmeas, que, por certo, são muito internas. Vamos supor que sejam externas e que alguém se encontra com sua alma gêmea, falando da parte tridimensional como o falam as pessoas. Quem se vai casar? São duas legiões. Não é certo? Então entre duas legiões, como vai haver compreensão, amor, paz? Não pode haver. Não é certo? São legiões.

P – Porém, necessita-se sentir algo por esse homem ou essa mulher para se casar?

V.M. – Claro! As almas gêmeas são a alma divina e a alma humana. Não? E o daqui poderíamos chama-lo de afinidade. Porém, qualquer homem e mulher que se põe a trabalhar, chega à compreensão, ao amor, e chega à paz, de acordo com o trabalho. Por isso, tudo depende de nós. Os signos zodiacais são leis mecânicas e as leis mecânicas temos que superá-las com o trabalho, então vão ficando absorvidas.

A quiromancia é uma ciência, mas não admite a revolução da consciência. Falha. Não é exata. Todo o biorritmo é também uma lei mecânica. Falha. O Tarô falha.



A DOUTRINA

P – Um médico que está dentro da Gnose, que trabalha no Departamento de Planificação Familiar, recomendando anticoncepcionais, aparelhos que introduzem na mulher, etc., esse médico, que poderia buscar outro ramo dentro de sua profissão, está ganhando carma sério?

V.M. – Isso é gravíssimo, porque está pecando a consciência, fazendo o mal à consciência. Eu diria que um médico nessas condições não é gnóstico. São elementos que são metidos aí, porém, não é um gnóstico. Um gnóstico verdadeiro não se faz isso.

P – Mestre, fica comprometido um advogado, ante a lei objetiva, quando se dedica a divorciar casais?

V.M. – está violando as leis. Fica comprometido ante a lei divina, por que se está metendo em algo intocável, como é o matrimônio, que é algo muito delicado. Está-se metendo em determinações que deve tomar somente o casal, sem intervenção de ninguém.

P – Por que se diz que um Hanasmussen é perigosíssimo?

V.M. – O Hanasmussen é perigoso porque as energias as utilizam o ego para se dar seus banquetes, fazendo malfeitorias. Essas forças mal canalizadas, ou seja, dirigidas pelo ego, causam desastres onde cheguem ou onde quer que se encontrem.

P – Os Boddhisattwas não estão sujeitos ao ciclo de 108 existências?

V.M. – Todo mundo, no momento em que se tenha corpo físico submete a essas leis. Já o que se libera, se tem corpo, não está sujeito a isso; porém, enquanto não se liberou está sujeito. São umas leis estritas.

P – A lei de Katancia é regida por Anúbis e os 42 Juízes da lei, ou não?

V.M. – Os juízes da lei regem tudo que está de acordo nos diferentes planos ou mundos da consciência. A diferença é que se aplica a lei da Katancia mais forte, mais dura. Não é o mesmo castigar um principiante, ou neófito, que uma pessoa que já tem consciência. O castigo é mais rigoroso.

P – Esta lei da Katancia agarra o Boddhisattwa e o mestre?

V.M. – Entende-se por castigo, ou lei Katancia. Abarca tudo. Não há exceções.

P – Há pessoas que pensam que os mestres dispõem de seu capital para ajudar a outros...

V.M. – Não, isso não nos é permitido, nem à mãe, nem o pai, nem ao amigo, nem a ninguém.

P – Mestre, as pessoas que cometem delitos e não se arrependem de nada, por exemplo, um assassino que justifica seus fatos com uma palavra, já seja essa liberdade ou pátria, qualquer circunstância e não senti nada... Isso que significa? Que já vão direto a involução?

V.M. – Já está a consciência demasiado adormecida. Não há consciência nenhuma. Quer dizer, não há nada na pessoa e é claro que vão para a involução.

Agora, bem, vou explicar-lhes que para que haja ascenso ou descenso necessita-se de duas forças. Essas duas forças provêm desde o mais alto ao mais baixo. São fundamentais estas duas forças: positivo e negativo; branco e negro, anjo e demônio, bonito e feio. Enfim, tudo pelo livre arbítrio que existe entre as hierarquias. O livre arbítrio, o respeito.

Nós não nos respeitamos. Porém, nas hierarquias é intocável o livre arbítrio. Então, as duas forças se formam desde o momento em que o Absoluto vomitou, como já lhes disse antes, a criação. A Mônadas saíram do Absoluto; daí começou o livre arbítrio. Por isso é que as Mônadas, às quais não lhe interessa a maestria. Pode ser apreciada nos assassinos ou em diferentes pessoas, etc., que através de seus ciclos de vida, nunca os atraiu o espiritual. Por quê? Porque à Mônada não lhe interessa a maestria. Tudo vem de cima para baixo.

P – Quando uma pessoa desencarna e por suas boas obras as hierarquias decretam férias, toda a essência livre vai de férias até as dimensões superiores, ou somente a porcentagem que tinha desengarrafado?

V.M. – A essência vai de férias a seu mundo causal. A parte que está livre. Os demais ficam engarrafado no ego, na quinta dimensão.

P – Mestre, existe um tipo de emoção que sentimos quando montamos em “carrinhos de choque”, no parque de diversões, na montanha russa, etc.... Que é esse tipo de emoção?

V.M. – É inferior. Sabe por quê? Porque se você se observa vê que está gastando uma grande porcentagem de energia.

P – Quando num país se dá uma epidemia, pode-se fazer cadeias para pedir por eles?

V.M. – As epidemias e tudo isso vêm por carmas. Aqui cada um pagamos pelo mal que fizemos. Pode-se pedir e não cometer falta, porém, de nada lhe vai servir, pois as epidemias chegam por que chegam.

P – Mestre, sabemos que existem muitos acidentes. Há pessoas que saem ébrias, bêbadas por completo, tem vinte anos bebendo, saem num carro dirigindo, e nunca lhe acontece nada, como há outros que vão dirigindo normais, sóbrios e tem um acidente, morrem ou ficam inválidos. Todos os acidentes são regidos pela lei?

V.M. – Bem, a acidentes que não tem nada a ver com a lei. Um abuso de alguém pode provocar-lhe a morte ou ficar inválido. Nesse caso a lei não tem que ver. A lei utiliza certos momentos para, por meio de um acidente, expor a vida a dois ou três senhores.

P – Quando vamos pela rua e encontramos uma moeda ou uma maleta, ou qualquer coisa e a colhemos. É delito colhe-la?

V.M. Não devemos colher o que não se deve. Isso não é nosso. Não se deve colher. Nem dinheiro nem nada. Temos que contar com o que é nosso, e nada mais. O que nos custou, nada mais!

P – Mesmo que esteja passando fome?

V.M. – Como seja! Eu me vi com cinco centavos no bolso, sem almoçar, sem com o que pagar o transporte e vem cair de um tipo um rolo

de notas e chamar o tipo: Veja, senhor, que é que lhe caiu aí? Outra vez vi o dinheiro aí. Aí fica. Por quê? Conforme é abaixo, é acima. Quando vamos passar por iniciações, por um centavo podem cortar o ascenso, podemos perder um grau. Perder um grau por um centavo? E por quê? Isto já é uma disciplina estrita.

Recordo que me puseram uma prova de honradez, já entrando nos mistérios maiores, para provar minha honradez. E eu que dizia que era muito honrado, lá era um ladrão. Eu colhi uma pluma de um peso e por essa pluma me chamaram a atenção e me prorrogaram, prorrogaram o processo até que corrigisse aqui o defeito e para corrigir o defeito me puseram não sei quantas provas fisicamente.

P – Os acidentes de avião, sim, são de lei quase todos?

V.M. – Não. Também há acidentes.

P – Mesmo que matem cem?

V.M. – Sim, também há acidentes. Não podemos acomodar tudo isso a lei. Há acidentes.

P – Isso que diz muita gente por aí, que não se move a folha de uma árvore sem a vontade de Deus.

V.M. – Não. Sim, há muitas coisas que acontece sem ter nada a ver com a lei, senão por abuso nosso, nada mais. Por abuso.

P – Circula um guia sobre a simbologia dos sonhos e se diz que provem do senhor. Que há de certo nisso?

V.M. – Com toda clareza lhe informo que esse guia é completamente falso. Não é da minha pessoa. Eu o estou vendo e é completamente absurdo.

P – No livro *As Três Montanhas*, do V.M. Samael, as iniciações Venustas (víboras de luz) incluídas na Primeira Montanha e diz o Mestre: “São as pitavas superiores das iniciações de fogo.” E quando o Mestre Samael fala da Segunda Montanha, diz: “Todo aquele que ingresse na Segunda Montanha não recebe, por tal motivo, mais graus nem iniciações. Antes da ressurreição autêntica, cada uma das oito iniciações deve ser qualificada. Isso se processa em oito anos durante os quais temos que experimentar o Livro do Patriarca Jó em seu cru realismo.” (Cap. 29, pág.

210) *Rogamos-lhe, Mestre, nos esclareça isso, já que o senhor diz na pág. 77 de Ciência Gnóstica (1º ed. bras pág. 60) que as autênticas iniciações Venustas se recebem na Segunda Montanha.*

V.M. – É muito claro que as autênticas iniciações Venustas são recebidas na Segunda Montanha, pois na Primeira se passa “mal cozido” e na Segunda vem a qualificação e para poder qualificar, deve passar inevitavelmente o iniciado pela morte. Se não há morte, não há nascimento, não há qualificação, purificação.

P – Mestre, na antiguidade não aparece registrada tanta superpopulação e a maioria das pessoas se pergunta: Por que hoje em dia há tanta superpopulação? A que se deve isto?

V.M. – Ao final de cada era se dá a última oportunidade a bestas, homens e deuses. Depois desta oportunidade teremos que prestar contas de acordo com a nossa obra.

SAMAEL AUN WEOR nasceu na Colômbia no dia 3 de março de 1917. Suas grandes inquietudes espirituais o levaram à investigações profundas no campo da Psicologia, Antropologia, Ciência, Esoterismo prático e Cristianismo primitivo.

Além de sua exemplar vida, sua vida doutrina ficou impressa em mais de cem obras traduzidas em diferentes idiomas; ensinamento que por sua vês sintetiza-se em cinco grandes obras, por ele recomendadas, para todo aquele que realmente queira aprofundar em seu mundo interior através da comprovação direta sendo requisito indispensável para ele, “ir mais além da simples interpretação literal, de caráter intelectual”.

Em 1950, deu início ao MOVIMENTO GNÓSTICO CRISTÃO UNIVERSAL, cujos princípios se praticam hoje em mais de quarenta países do mundo. Morreu na cidade do México em 24 de dezembro de 1977, depois de haver dedicado toda sua vida para o bem do gênero humano. Conseguiu seus objetivos ao lograr deixar estes ensinamentos para toda a humanidade, e à frente dela o V.M. Rabolú, na pessoa de Joaquim Enrique Amórtegui Valbuena, de quem textualmente afirmou: “O V.M. Rabolú, como Juiz do Carma, tem poder absoluto para estabelecer a ordem onde quer que se faça necessário. Indubitavelmente o V.M. Rabolú deve derrubar muitos ídolos de argila e corrigir muitos erros”.



SAMAEL AUN WEOR
Fundador do Movimento
Gnóstico Cristão Universal

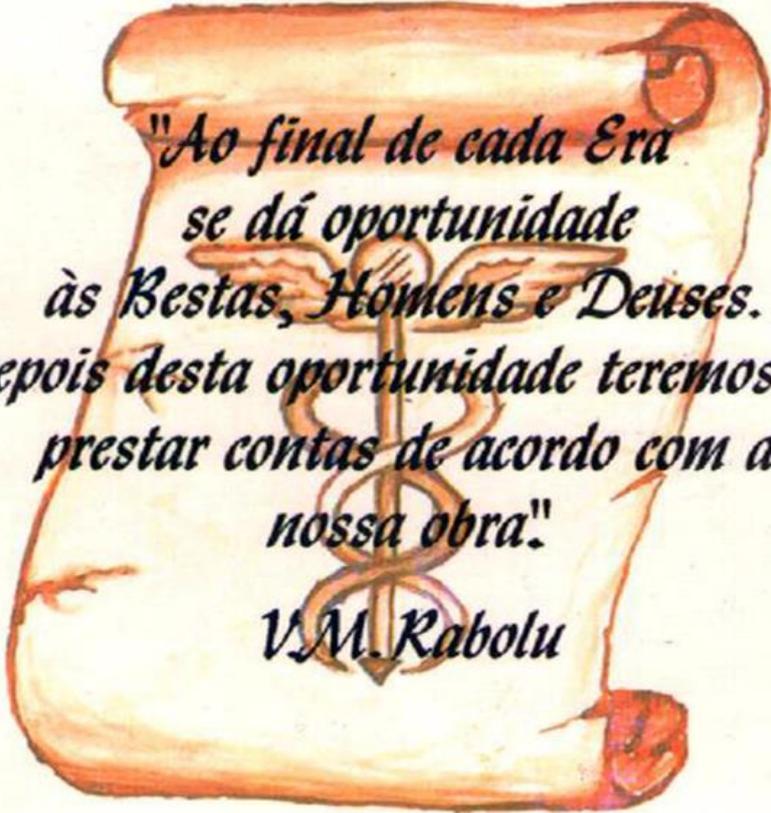


Joaquim E. A. Valbuena
V.M. RABOLÚ
Coordenador Internacional

ÍNDICE

O MESTRE.....	3
INTRODUÇÃO.....	5
O TRABALHO.....	6
O ESTUDANTE.....	12
O ESOTERISMO	17
A MISSÃO.....	22
O NASCIMENTO.....	28
A DOCTRINA.....	35



A hand-drawn illustration of a scroll, rendered in shades of orange and brown, with a central vertical crease. The scroll is unrolled, showing text written in a black, cursive script. The text is centered on the scroll and reads: "Ao final de cada Era se dá oportunidade às Bestas, Homens e Deuses. Depois desta oportunidade teremos que prestar contas de acordo com a nossa obra." Below the main text, the signature "V.M. Rabolu" is written in the same cursive style. The scroll is set against a plain white background within a thin black rectangular border.

*"Ao final de cada Era
se dá oportunidade
às Bestas, Homens e Deuses.
Depois desta oportunidade teremos que
prestar contas de acordo com a
nossa obra."*

V.M. Rabolu